

CAMPO DOS SONHOS: *Esporte e Identidade Cultural*

Ronaldo Helal ¹

1 – Introdução

O cinema possui uma longa vinculação com o esporte. Vários esportes, em contextos sócio-culturais diferenciados e com diversas temáticas, foram focalizados pelo cinema. Esse rico e diversificado acervo merece ser trabalhado pela reflexão e até mesmo utilizado como canal de divulgação e educação, já que estamos diante de um material midiático central na nossa produção de bens culturais e revelador de questões fundamentais que permeiam o cotidiano da modernidade. Temas significativos como identidade nacional e local, problemáticas raciais, valores sociais, profissionalismo e amadorismo, ascensão social, idolatria, violência, mercantilização e dessacralização do esporte foram tratados sob diferentes pontos de vista.

Seja de forma direta ou indireta, o que se evidencia em quase todo este material é a recorrência de uma busca incessante pela singularidade de uma cultura através do esporte local seja tanto pelos estilos de jogo quanto pelas formas de torcer - e, às vezes, até mesmo pelos modelos administrativos². O meu objetivo aqui é fazer uma investigação da narrativa do esporte no cinema em busca desta singularidade, tendo como fonte de análise precípua o filme “Campo dos Sonhos” de Phil Alden Robinson baseado no livro “Shoeless Joe” de W.P. Kinsella.

O ensaio está dividido em quatro partes. Na primeira, faço uma breve reflexão sobre o espaço do universo esportivo, um terreno diferente da “vida cotidiana”, onde predominam a

¹ UERJ

² Ver Lever (1983) - principalmente os capítulos 2 e 3 - e Helal (1997) para uma análise sobre cultura e organização esportiva.

imaginação, o sonho, o mito e a fantasia³. Na segunda, teço alguns comentários sobre o fascínio e atração do esporte no mundo moderno como uma consequência deste espaço especial. Na terceira, trato do tema da redenção de ídolos e passagens “trágicas” do esporte. Por fim, na quarta parte, farei uma análise do beisebol como um esporte que permeia o imaginário norte-americano em busca de sua identidade cultural. Todas estas partes estão ancoradas na narrativa do filme em questão.

2 - O Universo Esportivo: sonho, magia e realidade

“Campo dos Sonhos” conta a história de Ray Kinsella, um jovem fazendeiro que começa a escutar uma voz em sua plantação de milho que diz repetidamente: “se você construir, ele virá”. Intrigado e atormentado com algo que desconhece, Ray conta para a mulher o que está acontecendo e questiona os outros fazendeiros da região sobre a possibilidade de alguns já terem escutados vozes em suas plantações. A mulher especula sobre a possibilidade de o ocorrido não se dever a um efeito retardado das drogas que ele tinha tomado na década de 60 e os fazendeiros respondem a sua pergunta com olhares estranhos. O próprio Ray desliga a televisão quando a filha assiste a um programa em que um homem afirma escutar vozes, sob a alegação de que o sujeito “não estava em sã consciência”. Mais adiante, Ray começa a buscar um diálogo com a voz: “construir o que? Quem virá?” Até que um dia ele vê ao fundo da sua plantação a imagem de um campo de beisebol e a figura lendária de Shoeless Joe, um ex-jogador que se envolveu em 1919 em um conhecido escândalo na história do beisebol nos Estados Unidos. Seu time, o Chicago Black Sox, fora acusado de amolecer as partidas finais do campeonato em troca de dinheiro. Todos os atletas do time foram banidos do esporte e nunca mais puderam participar de jogos oficiais. Ray decide então construir um campo de beisebol no meio do seu milharal sob o olhar atônito dos outros fazendeiros e sob severa restrições do cunhado. Após a construção, Ray espera alguns meses para que algo aconteça até que numa noite, no momento em que estava organizando o orçamento da fazenda com sua mulher, a filha interrompe e diz que tem um homem no milharal. Lá estava ele, Shoeless Joe devidamente uniformizado, no meio do gramado.

³ Não estou negando a existência do sonho, do mito e da fantasia no cotidiano, apenas destacando a predominância destes aspectos no imaginários de fãs e atletas no universo esportivo.

Vamos refletir um pouco sobre esta situação. No cotidiano, em contextos ordinários, escutar vozes e ter visões são encarados como atitudes insanas de alguém que necessita de tratamento psiquiátrico. Tanto é que a própria mulher crê inicialmente se tratar de um efeito das drogas que Ray tinha tomando no passado, os fazendeiros fizeram olhares de estranhamento a seu questionamento e o próprio Ray repreende a filha que assiste a um programa onde um homem afirma escutar vozes. No entanto, em outros contextos, que podemos chamar de “extraordinários” estas situações podem não ser encaradas com tanto estranhamento. No universo religioso, por exemplo, é comum vermos depoimentos de pessoas que escutam vozes e têm visões, atitudes estas compreendidas como revelações divinas. Já no universo esportivo, a fronteira entre o profano e o sagrado, entre o ordinário e o extraordinário tende a ser bastante tênue. Amadorismo, “amor à camisa”, cantos, rezas e superstições são questões e atitudes que se interpõem ao profissionalismo, comercialização e administração empresarial do esporte.

Assim, nós, do lado de fora da tela, acompanhamos com compreensão a atitude de Ray, pois acreditamos em uma certa magia que o esporte propicia. No caso, estamos diante de uma situação em que a “magia” do cinema fala da “magia” no esporte. A voz que Ray escuta e a visão que teve fazem parte de uma experiência extraordinária e transformadora que o leva a uma meta de redenção. Inicia-se, então, uma busca incessante para recuperar um passado perdido e idealizado no imaginário dos norte-americanos. Voltaremos a tratar desta questão mais adiante. Por ora, ressaltamos que a experiência mística de Ray tem como motivação sacralizar um ídolo que foi profanado - posto que cometeu um ato profano - pedindo a sua absolvição ao mesmo tempo em que busca transformar em realidade o sonho de uma “América que já foi boa e que poderá ser novamente”⁴, consertando possíveis erros do passado.

De fato, os eventos esportivos são vividos como momentos especiais, destacados da vida diária, ocorrendo em lugares apropriados que lhes conferem um caráter extraordinário. Esta tendência a se destacar da vida diária, a se constituir em um momento de celebração e de festa, deve-se ao fato de que a própria sociedade costuma “eleger” o esporte para expressar seus sentimentos mais profundos. Isto porque todos os grupos humanos exaltam e

⁴ Frase proferida pelo personagem Terence Mann no final do filme. Mann é apresentado como um ex-escritor da década de 60, guru do movimento de contra-cultura nos Estados Unidos que passou a viver em reclusão e que teria em uma entrevista da época revelado o sonho de jogar beisebol em um estádio já demolido. Ray vai ao seu encontro com a intenção de realizar seu desejo.

comemoram aquilo que os faz diferentes e únicos a seus próprios olhos. O universo do esporte, com seu espírito de competição e um discurso meritório de conquistas e derrotas é um terreno fértil para estas exaltações e comemorações. Assim, a sociedade encontra aqui a oportunidade de revelar alguns de seus segredos mais profundos, fazendo uma representação de si para si mesma (Helal, 1990). Em uma análise sobre momentos festivos Roger Caillois (1988: 97) diz, por exemplo, que o indivíduo no seu cotidiano “vive na recordação de uma festa e na expectativa de uma outra, pois a festa figura para ele, para a sua memória e para o seu desejo, o tempo das emoções intensas e da metamorfose do seu ser”. Transpondo esta afirmativa para o filme em questão, percebemos a experiência mística de Ray como um desejo de, através do beisebol, viver estas emoções e metamorfosear-se - de jovem e inexperiente fazendeiro ele passa a ser o “dono” de um campo de beisebol, onde jogadores do passado retornam para jogar. A trama do filme desenvolve-se toda em torno do resgate de um passado perdido na sociedade americana, uma forma de metamorfosear o presente, consertando “erros” do passado e redimindo os atores de seus “pecados”.

No entanto, mesmo com esta tendência inerente ao esporte de ser um momento especial, “mágico” e sagrado, a penetração de domínios profanos como a política, os negócios e o profissionalismo por exemplo, representa, no imaginário social, uma força que caminha na contramão deste processo, fazendo com que o esporte possa se trivializar e tornar-se um momento corriqueiro. A industrialização da sociedade trouxe consigo alguns fenômenos que, ao adentrarem o universo do esporte, criaram mecanismos que tenderiam a descaracterizar este momento especial⁵. O filme também narra este conflito de forma sutil, porém veemente, como veremos em seguida.

3 - O Fascínio e a Atração do Esporte: amadorismo, profissionalismo e idolatria

Apesar da existência de uma busca constante em torno da singularidade, de algo único e típico, presente em todos os esportes e em todas as nações, algumas características que pensamos como singulares são, na verdade, globais. O esporte exerce um fascínio e uma atração muito grande nas pessoas justamente por se tratar de um momento especial, um contexto extraordinário, constantemente “alimentado” de mitos, casos, lendas e histórias

⁵ Notemos que a “crença” em um passado puro corroído pelo presente - neste caso, a industrialização - tende a ser uma constante mítica, aparecendo frequentemente em todas as sociedades e em todos os tempos.

fantásticas, reforçando a questão da emoção e excitação conforme colocada por Elias (1985). Histórias de “esporte pelo amor ao esporte”, por exemplo, aparecem frequentemente neste universo, mesmo com todas as evidências de que se trata cada vez mais de uma indústria que movimenta uma soma fantástica de dinheiro⁶. Outras como superação de obstáculos intransponíveis, levando os atletas a condições de semideuses, também surgem constantemente.

Quando Ray começa a construir o campo de beisebol no meio de seu milharal ele trava algumas conversas com a filha e a mulher que são emblemáticas destas histórias e questões. Em um dado momento, por exemplo, Ray diz para a filha: “Ty Cobb o considerou o melhor ala esquerda...ele obteve a terceira melhor média de rebatidas de todos os tempos”. Temos aqui uma narrativa na qual um ídolo - Ty Cobb - idolatra e mitifica outro. A questão dos recordes é uma constante no beisebol o que, de certa forma, o distingue de outros esportes em outras nações. A narrativa vai criando, assim, uma atmosfera de mitificação de Shoeless Joe, o ídolo do passado que precisa ser redimido na consciência de Ray e, quem sabe, no imaginário dos americanos. Mais adiante, Ray diz para a mulher: “Meu pai o viu alguns anos mais tarde em um time de quinta categoria. Ele estava gordo e tinha perdido a velocidade...mais ainda acertava. Papai disse que ninguém rebatia como ele.” Estamos, assim, diante de um jogador fantástico, extraordinário, dotado de um talento fora de comum. A narrativa do filme, ao mitificar seus feitos, minimiza o seu ato profano no passado.

Em um outro momento, a questão do esporte pelo amor ao esporte aparece de forma paradigmática. Shoeless Joe depois de jogar com Ray diz: “Eu simplesmente amo este jogo. E jogaria por comida apenas. Era o jogo, os sons, os cheiros. Já cheirou a bola ou a luva? ...A multidão levantando-se quando a bola era mandada longe...teria jogado de graça”. E ainda pergunta: “E as luzes?” Ray responde: “Todos os estádios têm”. Shoeless Joe diz em tom de descontentamento: “É difícil ver a bola”. E Ray responde: “Os dirigentes querem mais gente nos jogos”, no que Shoeless Joe simplesmente balbucia em tom de reprovação: “Dirigentes...” No final deste diálogo mítico Shoeless Joe ainda pergunta: “Aqui é o céu?”

Logo, ficamos sabendo pelo próprio protagonista que ele “teria jogado de graça”, por amor ao esporte, aos sons dos estádios e aos cheiros da bola e da luva. Em meio a um

⁶ Interessante observar como neste tipo de discussão tendemos a afirmar uma certa incompatibilidade entre ganhar dinheiro e amor, ser profissional e apaixonado, quando temos, na verdade, várias demonstrações da compatibilidade entre estas ações e sentimentos. Sou grato a Hugo Lovisolo pelas observações contidas nesta nota e na anterior.

ambiente profissional em que teria cometido um ato de suborno, a narrativa do filme nos apresenta um atleta amador, romântico e idealista. Adiante temos uma referência negativa aos dirigentes que, por desejo de atrair mais público às partidas, colocaram refletores nos estádios, descaracterizando o jogo original, disputado em tardes ensolaradas de verão. Os dirigentes são vistos, assim, como mero negociantes, interessados em arrecadar mais, enquanto que os atletas que jogariam por amor ao esporte, são obrigados a se sujeitarem às imposições dos “patrões”. Interessante notar como a visão negativa dos dirigentes tende a ser também uma característica global no universo do esporte. Mesmo em uma sociedade permeada por uma ética única, do trabalho, do profissionalismo e do individualismo, a tensão entre “amador” e “profissional” predomina⁷.

Por fim, a pergunta de Shoeless Joe Jackson querendo saber se ali era o céu, transforma o campo e o jogo do beisebol em uma representação do paraíso, onde o lúdico, a paixão, a magia e a emoção são sentimentos predominantes. Logo, temos o esporte visto como um universo sagrado, distante de questões cotidianas e mundanas. Este questionamento - se ali era o céu - aparece também na pergunta que o falecido pai de Ray - um apaixonado pelo esporte - faz após adentrar o campo de beisebol (“campo dos sonhos”) e jogar com o filho. Indubitavelmente, temos uma imagem sacralizada do esporte, como um universo puro e idealizado. Questões como dinheiro, negócios e profissionalismo são, desta feita, relegadas a um plano secundário.

4 - O Esporte Como Busca da Redenção

Na narrativa do filme, o esporte é tratado como um veículo que proporciona a transposição de uma situação negativa que fala de comércio, suborno e punição para os envolvidos - o escândalo de 1919 - para uma situação positiva, de redenção, perdão e absolvição a um ídolo e seus companheiros de equipes. Isto é interessante, posto que,

⁷ É como se a profissionalização e administração comercial do esporte tivessem que ser combatidas no imaginário dos fãs, pois elas inserem elementos que tenderiam a descaracterizar o objetivo da superação espiritual-física do homem, inserindo no circuito componentes técnicos como, por exemplo, as luzes dos estádios, a bola feita com precisão milimétrica, os acessórios, etc. No esporte, o corpo paradoxalmente pode aparecer como metáfora do espírito; é como se os dois estivessem colados e um fosse representado pelo outro - o que não ocorre na esfera religiosa *stricto sensu*. Mas a partir do momento em que se insere um complemento ao corpo, uma técnica, uma máquina, uma estrutura administrativa, descaracteriza-se essa “pureza” do corpo que permitia sua reflexão do espírito. Sou grato a Erick Felinto por estas observações.

geralmente, a narrativa mítica da saga do herói fala de um indivíduo dotado de um talento extraordinário, que ultrapassa obstáculos intransponíveis e retorna para casa compartilhando suas conquistas com seus semelhantes. Ou seja, a sua vitória é uma forma de conceder dádivas ao seu povo, redimindo a sociedade de seus pecados. No filme, é Ray quem - como herói para nós do lado de fora da tela - tem a “função” de redimir ídolos e jogadores do passado concedendo-lhes dádivas - a oportunidade de voltar a jogar. Pode ser que, ao fazer isso, Ray esteja concedendo dádivas a si mesmo e aos americanos, de uma forma geral, redimindo a sociedade de um “pecado” cometido no passado. Trata-se, então, de um resgate de uma “consciência coletiva”. Este resgate aparece em vários diálogos de Ray com a mulher, com Shoeless Joe Jackson e com Terence Mann, mencionado na primeira nota deste artigo. Vamos aos diálogos.

Enquanto constrói o seu campo de beisebol Ray diz para a mulher referindo-se a Joe Jackson: “Dizem que ele era tão elegante e ágil. Vê-lo jogar novamente, deixá-lo jogar, redimi-lo. Em outro momento, quando Joe Jackson aparece no campo, Ray dirige-se a ele e diz: “Deve ser bom jogar novamente”. A resposta de Joe é emblemática: “Ser expulso do beisebol foi como amputar parte de mim. É como o velho que acorda e coça as pernas que foram cortadas há 50 anos. Eu estava assim. Acordava à noite sentindo o cheiro do estádio, o frio da grama nos pés, a emoção do gramado. E perto do final do filme Ray conta para Terence Mann que o pai queria que ele fosse jogador, mas ele se rebelou e aos 17 anos, disse uma coisa terrível para o pai e partiu. Só o viu de novo no funeral. O pai morreu antes que Ray se desculpassem. Ray disse ao pai que não respeitaria uma pessoa que tivesse como herói um criminoso. Mann emocionado diz: “mas você sabia que ele não era um criminoso”. Na última cena do filme, Ray tem ainda a oportunidade de jogar com seu pai, falecido muitos anos antes, que também aparece no campo.

No diálogo com a mulher é notório o desejo de redimir Joe Jackson: a sua “elegância” e “agilidade” seriam motivos suficientes para seu perdão. A fala de Joe dizendo que “acordava à noite sentindo o cheiro do estádio, o frio da grama nos pés, a emoção do gramado” concede um caráter peremptório a “inocência” do atleta e ao próprio “espírito” do esporte. Inocência esta que se confirma quando Terence Mann afirma que ele “não era um criminoso”. E a cena em que Ray joga com seu pai fala de um desejo de retornar no tempo e consertar possíveis “erros” do passado. São diálogos e cenas presentes ao longo do filme que

parece ter como objetivo único dirimir “culpados” e reconquistar um “passado inocente”⁸. Assim, o resgate de uma “consciência coletiva” que fala de um passado “pueril”, “inocente” e “mágico” fica evidenciado nas palavras de Terence Mann no final do filme, tentando convencer Ray a não vender a fazenda e a manter o campo de beisebol com a venda de ingressos para os jogos com os ídolos do passado:

As pessoas virão Ray. Elas virão por razões que nem imaginam. Elas virão aqui sem saber exatamente porque. Virão inocentes como crianças...em busca do passado...Pois elas tem dinheiro mas falta-lhes paz...Virão para as arquibancadas e sentarão, à vontade em um dia lindo e descobrirão que tem cadeiras reservadas ao lado do campo onde se sentaram e se divertiram quando crianças. Idolatrarão seus ídolos. Assistirão ao jogo e se sentirão mergulhadas em águas mágicas. As lembranças serão tão fortes que terão de espantá-las.

Trata-se, sem dúvida, de um discurso crítico ao presente industrial e que coloca no esporte a esperança de um retorno a um passado “inocente” e “pacífico”. Hoje, as pessoas “têm dinheiro, mas falta-lhes paz”. O jogo do beisebol seria o antídoto contra o ritmo industrial, trazendo boas recordações de uma infância “divertida” e “pacífica”. Esta representação do beisebol aparece em várias passagens do filme e está, como veremos adiante, ancorada nas análises de muitos cientistas sociais americanos.

5 - O Beisebol na Cultura Americana

É comum atribuir-se o sucesso e a popularidade do beisebol na cultura americana ao passado rural do país, entendendo este esporte como um desafio ao ritmo acelerado da vida industrial. Guttman (1978), por exemplo, aponta dois fatores para explicar o sucesso do beisebol: o seu lugar no ciclo das estações e sua tendência à quantificação. O primeiro refere-se ao fato de que o esforço que muitos fazem em descobrir características rurais em um esporte urbano indica, por si só, a importância do impulso pastoral do beisebol. Ou seja, no imaginário dos americanos trata-se de um esporte pastoral o que, para Guttman, significa

⁸ Para uma análise da interação do cinema com o esporte contendo, inclusive, algumas reflexões sobre o filme em questão, ver Melquior (1999). É interessante observar também como estes desejos aparecem em outras nações e em outros esportes. No Brasil, Paulo Perdigão (1986) faz uma análise da derrota da seleção brasileira para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950, toda voltada para uma explicação menos apaixonada e mais “científica” da derrota, redimindo os atletas de seus “pecados”. Perdigão escreveu, inclusive um conto “O Dia Em Que o Brasil Perdeu a Copa” que inspirou o curta-metragem “Barbosa” de Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo produzido em 1986 e que fala justamente do desejo impossível de consertar “erros” ou momentos “trágicos” do passado.

mais do que uma ênfase no rural, pois inclui também e fundamentalmente a associação com espaço aberto, grama, calor e dias ensolarados. Acompanhemos seu raciocínio. A temporada do beisebol começa na primavera e atravessa todo o verão facilitando esta associação; e o fato do movimento do jogo ser circular - ao redor das bases e de volta à “home plate” - reforça a idéia do ciclo das estações. Com tudo isto, Guttmann (1978:107) indaga: “Seria totalmente acidental que as quatro bases correspondem as quatro estações do ano? Além disso, o beisebol é um jogo que não tem hora exata para terminar, o que “frustra os patrocinadores da TV e a programação televisiva mas agrada aqueles que sentem que o jogo só termina quando o último jogador sai de cena”. A introdução de refletores e da grama artificial são fatores que, segundo Guttmann, contribuem para o declínio do beisebol, o que o filme tenta confirmar através de um dos diálogos de Ray com Joe Jackson. O outro fato, mencionado por Guttmann para o sucesso do beisebol, diz respeito à quantificação. A pausa na ação do jogo, o que o torna monótono para os europeus e latino-americanos, é preenchida por estatísticas que atraem os americanos. Temos aí uma combinação de elementos pastorais e reino dos números, o que, a princípio, seria uma contradição, mas trata-se, na verdade, de uma complexidade, um paradoxo: o beisebol seria como “um símbolo sobre nosso passado abandonado e sobre o futuro desconhecido”(Guttmann, 1978: 114).

Kirsch (1989:93), além de destacar as características rurais do beisebol, enfatiza a associação inicial entre este e o nacionalismo tomando como exemplo para esta argumentação os símbolos que os jogadores adotaram para seus clubes no início deste esporte: Young America, Eagle, National, Liberty, Pioneer, Union, Columbia, etc. Kirsch destaca também que o beisebol começou naquela época a adquirir conexões familiares com “amor ao país”, “liberdade”, “ética do trabalho” e outros tradicionais valores americanos. A afinidade do cricket com os ingleses e do beisebol com os americanos também contribuiu, segundo este autor, para a rápida popularidade do beisebol nos Estados Unidos, lembrando ainda que, na época, este esporte era considerado “rápido e cheio de ação” em contraposição ao cricket, considerado lento e monótono. Para ele, muitos esportistas preferiam o beisebol porque “os jogos terminavam mais rápido do que os do cricket e porque eles eram jogados com mais rapidez e com grande entusiasmo”(Kirsch, 1989:101) e cita o capitão de um time inglês de cricket que escreveu que o beisebol era “de curta duração, com poucas interrupções e com modificações constantes em seu aspecto” concluindo que o cricket “ia contra os hábitos comerciais dos americanos” (Kirsch, 1989:101). O autor considera esta observação

importante já que atualmente o beisebol é considerado mais lento do que outros esportes como o hockey, o basquete e o futebol americano. Assim, ele conclui que “o beisebol tornou-se o esporte nacional dos Estados Unidos no século 19 devido a sua adequação à cultura americana daquela era de transição para a sociedade moderna” (Kirsch, 1989:107). A junção entre tradições familiares e a transição para a sociedade moderna seria a explicação para o sucesso do beisebol na cultura americana. O esporte, antes considerado rápido (em comparação com o cricket) e, por isso mesmo, mais adaptado ao ritmo da recente industrialização, tornou-se mais adiante um emblema da reação a este mesmo ritmo.

De forma similar, Ross (1973:103/104) aponta para o sucesso instantâneo do beisebol durante o período industrial ao mesmo tempo em que era visto como uma reação ao ritmo acelerado deste. Como um esporte pastoral, o beisebol constrói uma atmosfera harmônica, de comunhão com a natureza, fazendo com que os fãs tenham a nítida impressão de que, em uma partida, existe um diálogo entre o campo e os jogadores mais do que uma competição entre atletas e times. Por isso, o time que melhor se relacionar com o campo - acertando as bolas nos lugares certos - vencerá. Ross enfatiza ainda a estrutura circular deste esporte, no qual todas as ações são de retorno; uma bola arremessada para fora do campo é um *home run*, perfazendo, assim, um círculo completo. Além disso, o autor especula sobre a possibilidade do beisebol possuir uma “função subliminar” sendo uma espécie de “espelho sentimental da velha América” (1973:103). A argumentação baseia-se no fato de que a maior parte do jogo concentra-se em uma disputa entre o “pitcher” e o “hitter” na esquina da área do campo. Este é o local mais ocupado e o mais sofisticado do campo, onde algo está sempre ocorrendo e outras ações subsequentes se originam. Desta “esquina urbana” nós nos movemos para outras menos povoadas e de lá para o território que se situa “fora do campo”. E conclui: “na tradição da sabedoria popular americana, o perigo aumenta com a distância; no beisebol a ação mais espetacular é a que ocorre fora do campo, quando a bola é arremessada para bem longe. Assim, estas jogadas ocorrem em um território remoto, e elas pertencem, como a maior parte das lendárias ações de coragem, à fronteira.” (Ross, 1973:103)

Temos assim, portanto, uma narrativa “científica” que busca demonstrar que o fascínio do beisebol nos Estados Unidos deve-se a sua relação com valores tradicionais americanos que o presente industrial insiste em destruir. O filme “Campo dos Sonhos” corrobora esta narrativa e não é à toa que coloca justamente nas palavras de Terence Mann um discurso pastoral que pretende, de forma nostálgica, reassegurar valores tradicionais

americanos. Mann foi guru da juventude na década de 60, revolucionário, questionador e que no final do filme, através do amor ao beisebol, faz um discurso passional e nacionalista, pregando um retorno às origens americanas, sem dúvida uma reação ao presente industrial:

A única certeza nesses anos todos tem sido beisebol. América suportou um exército de tratores, foi apagada, reconstruída e apagada de novo, mas o beisebol permaneceu. Este campo, este jogo... é parte do nosso passado, Ray. Lembramo-nos de tudo que já foi bom...e poderá ser novamente.

A modo de conclusão podemos dizer que a narrativa de “Campo dos Sonhos” enfatiza sobremaneira a idealização de um passado americano puro, glorioso, repleto de virtudes, depositando no beisebol o espaço possível de resistência onde este “passado” se faz “presente”. O beisebol, na sua forma de jogar, torcer, se expressar e sentir seria o emblema da “essência” da cultura americana. Ao longo da análise, procurei demonstrar como muitos aspectos apontados como singulares são, na verdade, globais. No entanto, gostamos de nos sentir únicos, diferentes, singulares e, por isso, a mídia - no caso o cinema - ciente deste nosso desejo, mitifica certos feitos, acontecimentos e ações esportivas.

O fascínio e a atração exercidos pelo beisebol não são tão diferentes em outros esportes. Todos possuem suas “especificidades”, sendo que a maior parte delas são, de fato, características comuns a quase todos os esportes. O “esporte pelo amor ao esporte”, a visão negativa que temos dos dirigentes - denominados pejorativamente no Brasil de “cartolas” - a mitificação dos feitos de certos atletas, a idealização de um passado “puro”, as histórias e os casos fantásticos, são sentimentos, perspectivas e processos que permeiam o universo esportivo. O cinema quando trata do tema tende sempre, de uma forma ou de outra, a construir uma narrativa que corrobora e fortalece estes aspectos no imaginário dos fãs. E, de fato, sem eles o esporte perderia muito do seu sentido e fascínio.

Referências

- CAILOIS, R. - O Homem e o Sagrado** - Lisboa, Edições 70, 1988.
- ELIAS, N. - A Busca da Excitação** - Lisboa, Difel, 1985.
- GUTTMANN, A.- From Ritual to Record: the nature of modern sports** - New York, University of Columbia Press, 1978.
- HELAL, R. - Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil** - Petrópolis, Vozes, 1997.
- HELAL, R. - O Que é Sociologia do Esporte** - São Paulo, Brasiliense, 1990.
- LEVER, J. - A Loucura do Futebol** - Rio de Janeiro, Record, 1983.
- KIRSCH, G. - The Creation of American Team Sports: baseball & cricket, 1838-72** - Chicago, University of Illinois Press, 1989.
- MELQUIOR, R. - “Cinema, Esporte e Cultura: uma relação entre tapas, beijos e efeitos especiais”** in Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física vol.2, ano 2 - Santa Maria, CEFD/UFSM, 1999.
- ROSS, M. - “Football and Baseball in America”** in Talamini, J. & Page, C. Sport & Society: an anthology - Boston, Little, Brown and Company, 1973.